

CRARY, Jonathan. *24/7: capitalismo tardio e os fins do sono*. Tradução: Joaquim Toledo Jr. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

Mariana de Souza Alves

Doutoranda em Ciência da Informação - PPGCI/UFPE

mdsa24@gmail.com



24/7: capitalismo tardio e os fins do sono é uma obra do professor de Arte Moderna, norte-americano, Jonathan Crary que mostra o quanto o sono atrapalha a lógica mercantil dominante cujo regime impõe um funcionamento ininterrupto de 24 horas por 7 dias da semana. O autor abre o texto relatando algumas iniciativas que estão sendo feitas para tentar controlar o sono humano e ao mesmo tempo tentar manter funcionalidade e eficiência. O objetivo é favorecer a insônia de modo a ter controle “mesmo que limitado, sobre o sono humano” (p. 11), seja investigando formas de estimular a vigília, ou reduzindo a necessidade de sono do corpo.

O escritor relata uma tentativa de iluminação das cidades, por satélites refletores, de um consórcio russo-europeu que objetivava fornecer iluminação para fins de exploração industrial e até iluminação para regiões metropolitanas alegando que isso reduziria o consumo global de energia. Apesar de vários cientistas, ambientalistas e defensores dos direitos humanos terem apontado os fatores negativos dessa empreitada e a despeito de ela não ter tido êxito, tal ambição reflete o pensamento atual de que a contínua troca de negociação e circulação mundiais dependem estritamente de um estado de iluminação contínua. Como enfatiza o autor, “o projeto é uma expressão hiperbólica de uma intolerância institucional a tudo que obscureça ou impeça uma situação de visibilidade instrumentalizada e constante” (p. 15), além de inscrever-se “em um momento em que a vida comum se transformou em objeto da técnica” (p. 39).

Essas duas expressões utilizadas pelo autor: instrumentalização e objeto da técnica são definidas por Adorno e Horkheimer (1947) na *Dialética do esclarecimento*. A instrumentalidade ou razão instrumental está ligada a uma racionalidade dos fins que preza pelo funcionalismo obsessivo e orienta-se para fins ou lógicas capitalistas. Arelado a este conceito, a crítica da técnica, também tratada por Habermas (1983), quer dizer um investimento excessivo na ciência e tecnologia com uma racionalidade tal que faz delas fins em si mesmas, desconsiderando, portanto, tudo o que não é produtivo negligenciando o mundo da vida e a interação real entre as pessoas. No próprio texto, o filósofo Locke é citado afirmando que o sono interrompia duas das maiores prioridades humanas: a industriabilidade e a racionalidade. Crary se refere a esses eventos como algumas das consequências da “globalização, do neoliberalismo e dos processos a longo prazo da modernização ocidental” (p. 17).

O tempo 24/7 é um tempo ininterrupto, no qual o sono não é necessário e a ideia do trabalho sem pausa é normal. O escritor caracteriza o sono, segundo os princípios do imperativo 24/7, como uma das grandes afrontas, profunda inutilidade e intrínseca passividade a todo processo de produção, circulação e consumo do voraz capitalismo contemporâneo (p.17). Ou seja, “no paradigma neoliberal globalista, dormir é, acima de

tudo, para os fracos” (p. 23). Não é preciso dizer que o regime 24/7 traz consigo consequências diversas de catástrofes ambientais, incentivo a gastos permanentes e desperdícios contínuos, além de prejudicar os ciclos estações naturais do planeta.

Mostra-se no texto autores que defendem a importância do sono e outros que ao mesmo tempo desprezam-no e não o acham necessário para a vitalidade da vida considerando-o irrelevante para a busca do conhecimento. Apresenta o quão somos vulneráveis no sono, exemplifica, inclusive com o acidente de Bhopal, algumas das consequências desastrosas da insônia e mostra assim, o importante papel que o Estado tinha na segurança e proteção do sono e da propriedade dos bens dos seus cidadãos.

Por fim, a ideia e imposição de que os seres tenham que se adequar a temporalidade 24/7 para atender ao funcionamento desregulado e contínuo dos mercados, termina por não considerar as limitações físicas naturais do seres humanos (p. 24) e coloca de lado toda a subjetividade do sujeito, corroborando com a lógica do descartável preconizada por Santos (2003) e Mignolo (2008), além de ser coerente com a tese do sociólogo alemão George Simmel (1998) para o qual o dinheiro é o “equivalente para tudo e para todos” e por isso não importam as pessoas, mas sim a lógica do capital.

Braga (2014) ao tratar do excesso de informação na era do digital chama atenção para a dependência e sufocamento de informações que estão constantemente nos preenchendo. Com todas essas demandas, não é preciso dizer que tudo se funde de modo que não distinguimos mais vida pessoal e profissional. “Horário do expediente é algo que já não faz mais sentido para muita gente. O trabalho parece ser ininterrupto. Você responde um e-mail de trabalho dentro do cinema. Você checa a programação do cinema e compra os ingressos dentro do escritório. A sua casa as vezes é seu escritório. Parece que tudo conspira para nos transformarmos em trabalhadores 24 horas por dia” (SEGURA, 2015, online).

A tecnologia é uma forma de dominação citada por Crary que tem um poder tão grande sobre as pessoas a ponto de fazer com que atividades da vida real que não tem seu correlato online percam sua intensidade e relevância (p. 68). Todo esse prolongamento do “dia”, devido a estarmos imersos em um mundo que nos bombardeia informações constantemente e por estarmos conectados o tempo todo através dos dispositivos móveis, tem muitas consequências, tais como a alienação perante muitos problemas sociais, pois embora se tenha uma suposta impressão de que as redes sociais trazem à tona com mais rapidez e energia as polêmicas sociais e apesar de que uma ampla quantidade de pessoas se manifeste a tais notícias, a ocorrência desses fatos na vida real e o comportamento dessas pessoas com os outros são bem diferente e bem menos proativos do que o que é postado em rede.

Além disso, conforme relata Segura (2015), a não diferenciação ou desconexão do que é pessoal e do que é do trabalho, faz com que façamos as duas coisas sem noção de distinção entre tempo e espaço. E, sobretudo, o consumismo constante e bem mais ágil do comércio eletrônico permite que façamos compras com apenas um click em qualquer horário do dia ou da noite. Um exemplo de tal conectividade e consumismo que gera alienação é dado pelo autor ao dizer que ao mesmo tempo em que compramos produtos e enviamos um feedback voluntariamente sobre nossa compra, e somos obedientes a todas as formas de invasão biomédica e de vigilância, ingerimos comida e água tóxicas e não reclamamos na vizinhança de reatores nucleares (p. 68). Falta aspas

Enfim, Galera (2013, online) defende que, mais do que apenas criticar a tecnologia é importante “batalharmos ativamente por uma tecnologia verdadeiramente inteligente, que nos deixa no controle e enriquece nossa vida, em vez de nos empurrar para o terreno homogêneo de uma hiperatividade sem trégua”. Quer dizer, precisamos de recursos tecnológicos “existentes a serviço de necessidades humanas e sociais – e não das exigências do capital e do império” (p 58). Além disso, a reflexão de Cray favorece a discussão sobre os limites do capitalismo e estimula pensar sobre uma desobediência epistêmica – Mignolo (2008) – que busque cada vez mais o desenvolvimento e bem-estar humano perante as ambições do voraz mercado capitalista.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. e HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1985.

BRAGA, Ryon. **O excesso de informação**: a neurose do século XXI. 2014. Disponível em: <<http://www.revistamelhor.com.br/dicas/6343/a-neurose-do-seculo-21>>. Acesso em 21 de nov. 2015

GALERA, Daniel. **Cibernética e sono**. 2013. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/cultura/ciberneticasono11077455>>. Acesso em 21 de nov. 2015

HABERMAS, Jürgen. Técnica e ciência enquanto ideologia. In: BENJAMIN, Walter et al. **Textos Escolhidos**. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

MIGNOLO, Walter D. Desobediência Epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade *em política*”. **Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade**, n. 34, p. 287-324, 2008. Disponível em: <<http://www.uff.br/cadernosdeletrasuff/34/artigo18.pdf>>. Acesso em: 08 out. 2015

SANTOS, Laymert Garcia dos. Tecnologia e Sociedade” e Tecnologia e o futuro do humano. In: **Politizar as novas tecnologias**: o impacto sociotécnico da informação digital e genética. São Paulo: Editora 34, 2003.

SEGURA, Mauro. **No mundo atual dormir é para os fracos**. 2015. Disponível em: <http://www.meioemensagem.com.br/home/marketing/ponto_de_vista/2015/03/19/247CapitalismoTardioeosFinsdoSonoHtml>. Acesso em 21 de nov. 2015

SIMMEL, Georg. O dinheiro na cultura moderna (1896). In: SOUZA, Jessé e OËLZE (Orgs.). **Simmel e a modernidade**. Brasília: Editora da UnB, 1998. Disponível em: <https://ideiasconcretas.files.wordpress.com/2010/05/o_dinheiro_na_cultura_moderna_georg_simmel.pdf>. Acesso em 21 de nov. 2015